

## Masculinidades negras em pauta

Patrícia Silva  
(Pós-doutoranda do PPGSA)

Felícia Picanço  
(Professora do Departamento de Sociologia e  
Supervisora do estágio de Pós-doutoramento)

Os estudos sobre masculinidades negras configuram um campo que vem sendo ampliado a partir de uma demanda não apenas acadêmica-científica, mas também política, como muito bem sintetiza hooks (2022). O que não significa a invisibilidade dos meninos e homens negros, mas que tipo de visibilidade tem sido dada, pois muito pouco parece se saber sobre os mecanismos de engendramento do gênero e raça nas diferentes dimensões da vida social e muito parece se supor.

Em atenção a esta demanda, o livro *“Masculinidades negras: novos debates ganhando formas”*, organizado por Vandelir Camilo e Paulo Melgaço, é uma importante contribuição, com 13 capítulos dedicados à reflexão sobre meninos e homens negros em diferentes áreas como educação, saúde, paternidade, masculinidade, transgênero etc.

O capítulo “Masculinidades negras e educação: entre passados e futuros” foi destacado aqui por estar na interseção de diferentes estudos que estão sendo produzidos por mestrandas, doutorandas e pós-doutorandas no Laboratório de Estudos sobre Diferença, Desigualdade e Estratificação (LeDdE). O capítulo foi escrito por William Melo, professor de Ciências da rede municipal de educação de Maricá, mestre e doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro do Conselho da Cidade do Rio de Janeiro e atuante na iniciativa “Educação com Evidência”. Com estas múltiplas inserções, o autor tem como objetivo reproduzir e produzir evidências para identificar o fenômeno das desvantagens escolares dos meninos negros e apresentar iniciativas realizadas por ele enquanto docente.

Considerando que a literatura na sociologia, na economia e na educação tenha documentado e analisado a menor chance dos meninos e homens negros se manterem no sistema educacional (Hasenbalg, 1979; Rosemberg, 1986; Hasenbalg e Silva, 1990,

2000; Henriques, 2001; Carvalho, 2004; Artes e Carvalho, 2010; Jesus, 2018; Toledo e Carvalho, 2018; Senkevics e Carvalho, 2020), o autor do capítulo procura apontar que não há caminhos para se discutir redução das desigualdades e segurança pública, sem tratar da educação e produzir iniciativas para a retenção dos meninos negros na escola.

Para chegar até as iniciativas por ele organizadas no âmbito de sua atuação como docente, utilizando dados sistematizados por Ernica e Rodrigues (2020) sobre nível de aprendizagem para a cidade de São Paulo (2020), o autor ressalta dois resultados graves: (i) em nenhum agrupamento, os meninos pretos deixam de estar em desvantagem em relação ao aprendizado; e (ii) o aumento do nível socioeconômico não parece contribuir para o sucesso escolar de meninos pretos.

Complementa este achado, processado por ele próprio, com os dados das PNADs contínuas de 2012 a 2020 e aponta que os homens negros (pretos e pardos) “são os que possuem menor escolaridade em todos os anos” (p.141) com, aproximadamente, dois anos de escolaridade a menos do que mulheres brancas. O gráfico com as médias de anos de estudos chama atenção pela estabilidade das diferenças entre os grupos de gênero e raça ao longo do tempo. O que implica em dizer que a expansão de ingresso no sistema educacional ocorrida nas últimas décadas afetou positivamente todos os grupos de gênero e raça, mas a distância entre eles se mantém quase imutável, pois todos melhoraram praticamente na mesma proporção, conseqüentemente as desigualdades não foram reduzidas.

Quais as explicações acionadas pelo autor? Para responder a pergunta, o autor vai buscar dados entre seus pares e considerando a complexidade da questão, o autor elege as:

*“visões e expectativas que são estabelecidas sobre os jovens negros do sexo masculino, desde a escola básica, com ações que vão desde o processo de classificação racial de acordo com desempenho escolar e a baixa expectativa em relação ao sucesso acadêmico”. (...) se refere ao fato de que meninos negros são vistos, conforme a visão de alguns profissionais da educação, como mais violentos, agressivos e “alunos-problemas”, aqueles que sentam no fundo da sala e “não querem nada””.*

O olhar para dentro da escola se torna elemento fundamental para descortinar as práticas cotidianas estigmatizantes e racistas, bem como, para “pensar e atuar de forma racializada, antirracista e com foco nos jovens negros” no cotidiano da escola. É esta perspectiva que o leva a produzir atividades com base na Ciência do Afeto, perspectiva que adota uma metodologia específica voltada para os alunos mais vulneráveis, em especial, os meninos negros e envolve atividades como jogos, diários socioemocionais e hip-hop, dentre outras.

Além da concepção das ações e implementação das mesmas, o desafio é produzir estudos para analisar os impactos destas ações e de outras tantas espalhadas pelo país na retenção dos meninos negros e na redução das desigualdades raciais e de gênero nos desfechos educacionais. O convite está feito pelo artigo, cabe à comunidade acadêmica aceitar!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTES, A.; CARVALHO, M. O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade? *Cadernos pagu* (34), janeiro-junho de 2010:41-74.

BELL, H. *A Gente é da Hora, homens negros e masculinidade*. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

CARVALHO, M. Quem são os meninos que fracassam na escola? *Cadernos de pesquisa* 34 (121), 11-40, 2004.

HASENBALG, C. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HASENBALG, C.; SILVA, N.V. Raça e oportunidades educacionais no Brasil. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo v. 73, p. 5-12, maio, 1990.

\_\_\_\_\_. Tendências de desigualdade educacional no Brasil. *Dados*, v. 43, n. 3, 2000.

HENRIQUES, R. *Texto para discussão n.º. 807. Desigualdade Racial no Brasil: Evolução das condições de vida na década de 90*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

JESUS, R. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. Educ. rev. 34, 2018.

ROSEMBERG, F. Diagnóstico sobre a situação educacional de negros (pretos e pardos) no Estado de São Paulo. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2 v. 1986.

SENKEVICS, A.; CARVALHO, M. Novas e velhas barreiras à escolarização da juventude. Estudos Avançados 34, 333-352, 2020

TOLEDO, C.; CARVALHO, M. . Masculinidades e desempenho escolar: a construção de hierarquias entre pares. Cad. Pesquisa. 2018, vol.48, n.169, pp.1002-1023